

SOPHIA, NA PRIMEIRA PESSOA / 2019

um filme de MANUEL MOZOS

Realização: Manuel Mozos *Colaboração:* Maria Andresen de Sousa Tavares *Pesquisa e selecção de textos:* Manuel Mozos, Luís Nunes *Montagem, Assistente de realização:* Luís Nunes *Imagem:* Hugo Azevedo *Som:* Nuno Henrique *Imagens de arquivo:* *Imagens da Grécia*, Mário Fernandes; *Imagens RTP*, documentalista Fátima Ribeiro; *Arquivo Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema*, filmes de Gonçalo Cabral, Acácio Carreira, J.-N. Pascal-Angot, Colectivo da Actividade Cinematográfica, Leitão de Barros *Música:* Johann Sebastian Bach; *Porque* (Francisco Fernandes, com interpretação de Francisco Fanhais, poema de Sophia de Mello Breyner Andresen), *Menina do Mar* (Fernando Lopes Graça, texto de Sophia de Mello Breyner Andresen).

Produção: Vende-se Filmes para a RTP (Portugal, 2019) *Produtores:* Filipa Reis, Vasco Costa *Cópia:* DCP, cor, versão original em português, 55 minutos *Primeira apresentação pública absoluta:* 25 de Outubro de 2019, no Doclisboa (Cinema São Jorge, Lisboa) *Primeira apresentação televisiva:* 5 de Novembro de 2019, na RTP 1 *Primeira exibição na Cinemateca.*

COM A PRESENÇA DE MANUEL MOZOS

Um filme é a sua perspectiva. Para este filme-retrato, nascido da encomenda de uma peça de cinema documental sobre Sophia de Mello Breyner Andresen no centenário do seu nascimento em 1919, 15 anos depois da morte, Manuel Mozos, realizador de muitas andanças, escolheu a posição da palavra. A palavra escrita e a palavra dita, na voz da escritora – *escritora*, como se apresenta num documento de 1966, requerente oficial num país opaco. *Sophia, na Primeira Pessoa*, condensa o título mais gramatical que poético: a narrativa tem uma narradora, a narradora tem uma história. O que dela ela aqui conta toma coordenadas temporais, geográficas, de assunto, organizando-se na vitalidade textual e discursiva do que é dito pela voz de quem diz. É essa a diferença do filme.

Mozos filmou “poucos” novos planos – para lá dos documentos ou fotografias, sobretudo lugares, paisagens marítimas, citadinas, pessoais e afectivas. Também a esta orientação pertencem os planos recentes da Grécia, oferecidos por um amigo realizador. A casa e o mundo de Sophia, por assim dizer. São imagens montadas em diálogo com o manancial de arquivo a que recorreu e onde encontrou o suficiente para poder construir o filme no singular. Imagens de Sophia, repescadas a programas e peças jornalísticas da televisão, ou resgatadas a uma entrevista filmada a Fernando Assis Pacheco que permaneceu ineditamente “em bruto”, mas também material fílmico pouco conhecido das praias dos anos 1930, do Algarve da década de 1960 e as muito conhecidas imagens da Lisboa poeticamente revolucionária de Abril e Maio de 1974, com o Largo do Carmo apinhado, as ruas ao rubro, a avenida Almirante Reis e a Alameda cheias da liberdade do povo. Trabalhadas em igualdade de estatuto, as imagens são matéria narrativa, como a palavra, congregando a dimensão individual e colectiva da história da vida de Sophia de Mello Breyner Andresen, inseparável da obra.

“Como a poesia me criou”, é o título de um texto publicado em 1975 no *Diário de Notícias*, em que Sophia discorre sobre a aventura que começou no dia em que, aos três anos, lhe ensinaram a *Nau Catrineta*. Ouvimo-la falar desse episódio fundador no filme que, apresentando imagens inéditas, não revela factos ou histórias nunca antes contados, mas os organiza à sua maneira – além das escolhas, da sensibilidade, do pudor, nos cortes, nos raccords. Enfim, no seu próprio fluxo, desamarrado de âncoras informativas, ou de oráculos. Navegando o arco cronologicamente linear do percurso, em ramificações que implicam a família, as casas, as viagens, a vida da literatura, a lição da cultura grega, a vida cívica, a política, os contos infantis, o pensamento em que o real e a poesia confluem.

Não está assim dito *Na Primeira Pessoa*, em que ao invés se ouve Sophia proferir palavras de 1964 tornadas reconhecíveis da sua *Poética*, acerca dessa “busca atenta”: “Sempre a poesia foi para mim a perseguição do real.” A poeta afirmou-o muitas vezes no curso dos anos. Disse-o por exemplo, numa entrevista de 1989 a António Guerreiro para publicação no *Expresso*: “Procuro que o poema seja a aliança com o mundo em que estou”, “a poesia é uma comunhão funda com a vida”. Aliado ao norte da oralidade, manifestamente importante em Sophia, é o princípio deste retrato de 2019 em que, na expressão de Mozos, “a poesia está presente nos focos da realidade, naquilo que foi a vida dela”.

É verdade. No filme, a sua poesia *está* inteligível em diversos planos. Literalmente, nos vários poemas declamados, que abrem e fecham e sulcam o filme (sem sinalização à vista). Por meio de outras figuras associadas à materialidade das coisas e das palavras, chamando elas a atenção para a ligação de Sophia ao pescador algarvio José Afonso Muchacho, de quem fez publicar um texto na revista *Távola Redonda* depois de o desafiar a escrever “a direito”, ou para a defesa da ideia da vida quotidiana habitada pela cultura. É uma declaração impressa a letras gordas numa página de jornal da época em que Sophia participava em campanhas eleitorais pelo país a ler poemas, fundindo-os com a liberdade. Parece outro planeta, talvez seja outro planeta.

Aquele planeta de que Sophia fala como poeta que sentiu a alegria mais violenta da sua vida no dia 25 de Abril de 1974, observando um desejo comum de verdade e de justiça, logo vertido na frase-palavra de ordem empunhada nas manifestações de Abril e Maio e depois guardado na memória colectiva graças aos cartazes de um desenho de Maria Helena Vieira da Silva, *A poesia está na rua*. O planeta de 25 de Abril, “Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/ em que emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo”. De *Esta Gente*, “.../ Meu canto se renova/ E recomeço a busca/ De um país liberto/ De uma vida limpa/ E de um tempo justo”. E ainda o planeta da ressaca terrível da promessa não cumprida, “porque houve demagogia e houve oportunismo”. Duas noções distantes do que Sophia encontra na cultura grega, que o filme “trata” segmentos antes: “Eu sempre busquei e sempre persegui a cultura grega na medida em que sempre me pareceu a cultura exemplar, a cultura em que um homem é um homem inteiramente desalienado, um homem que tem uma relação inteira com cada uma das coisas do mundo onde ele vive, e essa relação pareceu-me sempre uma relação essencial e um ponto de partida. Aliás, como disse o Murilo Mendes, estes gregos nunca nos deixarão em paz.”

A tentação de citar, citar, tornar a citar, mina um pouco este texto sobre *Sophia, na Primeira Pessoa*. Pela vontade em recuperar a limpidez das palavras, que é, afinal, o que o filme muito justamente propõe. Para isso há que ver o filme, há que escutar e ler Sophia que (diz ela) dizia muitas vezes que “um poeta escreve não para dizer o que sabe mas para saber o que sabe”. Incorrendo-se na contradição, incida-se no ponto dos raccords para notar como a reflexão sobre a cultura grega relaciona com o troço do filme que conta fotograficamente o momento biográfico do casamento e da maternidade, e este com o comentário sobre a importância simétrica da casa e da viagem – *Dual*, diz-se Sophia. Ou como a “parte” que reflete o envolvimento político de Sophia, iniciada com a carta ao director da PIDE, a que sobrevém o poema *Para Atravessar Contigo o Deserto do Mundo*, liga a montante com o testemunho sobre a justiça como primeiro tema da reflexão grega.

Quando não ouvimos a voz de Sophia, não deixamos de ouvir, ou de ler, a palavra de Sophia. Não há outra palavra, quase não há outra voz. O título do filme é para levar à letra. Fora o par de deixas de um entrevistador, há a voz de Francisco Fanhais num excerto da interpretação do poema *Porque*. Casada com imagens lisboetas de 1974, é a canção no filme (que acolhe ainda um troço da composição *A Menina do Mar* por Fernando Lopes Graça a partir do mais conhecido conto de Sophia, e sobretudo música de Bach). A verdadeira excepção à regra é o fragmento do texto do mesmo conto que ouvimos nas vozes de uma representação radiofónica ou televisiva, sobre imagens de criaturas marinhas em oceanário. Escuta-se como um momento insólito da banda sonora, interrompida que é a cadência da voz protagonista. Mas o susto que a escrita pode provocar é a rima chamada no termo do “capítulo” dos contos infantis. E aí volta-se à textura da voz de Sophia, noutras profundezas. Até ao desfecho, “na primeira pessoa”.

Nos planos iniciais, nos planos finais, a imagem do mar visto da praia. Os planos marinhos são atlânticos, e noutras cenas também mediterrânicos, mas não são soalheiros. O filme guarda as sombras, uma penumbra que não turva a clareza, antes a adensa.

Maria João Madeira

texto originalmente escrito em Janeiro de 2020 (Sophia num retrato de 2019) para a 10ª edição dos Encontros Cinematográficos, que viria a decorrer em Dezembro de 2020, no Fundão; publicado no livro *Encontros Cinematográficos* (coord. Mário Fernandes, Carlos Fernandes, 2020), juntamente com uma entrevista a Manuel Mozos